

AS CARTAS EUROPEIAS: A HISTÓRIA DE UMA SEÇÃO NA REVISTA NOVA-IORQUINA PARTISAN REVIEW¹

EUROPEAN LETTERS: THE HISTORY OF A SECTION IN THE NEW YORK BASED MAGAZINE PARTISAN REVIEW

Matheus Cardoso Silva *

Correspondência

Rua Boa Amizade, 92, Casa 4, Jardim Industrial.
São Bernardo do Campo – São Paulo – Brasil. CEP: 09762-030.
E-mail: stardus_mat@yahoo.com.br

Resumo

As cartas europeias enviadas para a célebre revista Partisan Review entre 1938 até meados da década de 1950, desde diversas cidades como Roma, Paris e Londres, compuseram seção em uma das publicações mais importantes dos EUA no século XX. A publicação das cartas marca a transição da revista e seu círculo intelectual entre o internacionalismo político da esquerda nova-iorquina rumo a um internacionalismo literário, que simbolizava a busca de alternativas diante do esgotamento das narrativas hegemônicas locais – o marxismo e o modernismo – em responder aos dilemas políticos e sociais e tensões intelectuais no limiar da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Partisan Review; internacionalismo intelectual; Segunda Guerra Mundial.

Abstract

European letters sent to the famous Partisan Review magazine between 1938 until the mid-1950s, from several cities such Rome, Paris and London, composed section in one of the most important publications of the US in the twentieth century. The publication of the letters mark the magazine's transition and his intellectual circle between New Yorker's left-wing political internationalism towards a literary internationalism, which symbolized the search for alternatives to the exhaustion of local hegemonic narratives – i.e. Marxism and Modernism - to respond to political and social dilemmas and intellectual tensions on the threshold of World War II.

Keywords: Partisan Review; intellectual internationalism; World War II.

¹ Esse artigo é uma versão resumida da discussão que apresentei em minha tese de doutorado defendida no Departamento de História, da Universidade de São Paulo, defendido em março de 2016, sob o título: “As cartas de Londres: George Orwell nas redes intelectuais entre Londres e Nova York, 1941-1946”. Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de doutorado no país e bolsa PDSE de doutorado sanduíche, realizada na Royal Holloway, University of London, que facilitaram a pesquisa da qual resultou o presente artigo. Agradeço ainda o acolhimento da Royal Holloway, University of London, e do prof. Gregory Claeys durante o doutorado sanduíche.

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Curso de Relações Internacionais, Centro Universitário Fundação Santo André.

Introdução

Entre o final da década de 1930 e os primeiros anos da década de 1950, seriam publicadas na célebre revista nova-iorquina *Partisan Review* uma série de cartas em forma de coluna, enviadas de diversas cidades, em especial de grandes capitais europeias como Roma, Berlin, Paris e Londres (sendo as duas últimas as mais longevas). A primeira a ser publicada foi a “*Paris Letter*”, que aparece na *Partisan Review* v. 6, n. 1, 1938, de autoria de Sean Niall. A “*Paris Letter*” seguiria até 1948, sendo assinada por diferentes “correspondentes”.

As cartas europeias aparecem dentro da *Partisan Review* no momento em que a revista assume abertamente um editorial anti-stalinista. A história da coluna marca, com isso, a transição da revista e seu círculo intelectual entre o internacionalismo político da esquerda rumo a um internacionalismo literário, que simbolizava a busca de alternativas diante do esgotamento das narrativas políticas hegemônicas locais – o marxismo e o modernismo – em responder aos problemas do contexto interno dos EUA, tanto quanto as tensões intelectuais daquela geração no limiar da Segunda Guerra Mundial.

Nos quatro anos entre a fundação da *Partisan Review*, em 1934, e a publicação da primeira “*Paris Letter*”, em 1938, o editorial da revista mudaria radicalmente. Fundada como publicação oficial da sessão nova-iorquina do John Reed Club, o principal organismo promotor da cultura do *Communist Party of United States of America* (CPUSA) entre o final da década de 1920 e a metade da década de 1930,² a revista teria uma periodicidade bimensal, com preço-de-capa variando entre US\$0,25 e US\$0,60 por volume – antes e depois da Segunda Guerra Mundial – em valores da época. A *Partisan Review* seria também uma das publicações mais longevas da história dos EUA, durando até 2003, quando sua publicação é definitivamente encerrada.³

A comunhão entre a recém-fundada revista e o CPUSA seguiria bem até 1937. A revista, por sinal, adquiriu rapidamente grande preponderância no âmbito do movimento comunista, reunindo os jovens intelectuais recém-atraídos pelo CPUSA nos

² HOMBERGER, Eric. Proletarian Literature and the John Reed Clubs 1929-1935. *Journal of American Studies*, v. 13, n. 2, Agosto 1979, p. 221-244. Cambridge University Press on behalf of the British Association for American Studies. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27553695>. Acesso em: 12 set. 2008. MARQUARDT, Virginia Hagelstein. New Masses and John Reed Club Artists, 1926-1936: Evolution of Ideology, Subject Matter, and Style. *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*. v. 12 (spring, 1989), p. 56-75. Published by: Florida International University Board of Trustees on behalf of The Wolfsonian-FIU Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1504057>. Acesso em: 15 ago. 2008.

³ Desde 1978, a *Partisan Review* passou a ser editada pela Boston University que, após o encerramento das atividades da revista em 2003, começou a digitalizar todos os números da revista. Hoje todos os números da PR, desde 1934 até 2003, podem ser consultados on-line através da página eletrônica da Howard Gotlib Archival Research Center, através do link: <http://hgar-publ.bu.edu/web/partisan-review>.

disputados círculos da vanguarda nova-iorquina.⁴ Essa posição tornou a *Partisan Review* uma espécie de cronista do nascimento do Popular Front nos EUA. Essa afirmação é de Michael Denning, que relembra a narração de Tillie Lerner no artigo “The Strike”, para a *Partisan Review* 1, de setembro-outubro de 1934, sobre a “Terça-Feira Sangrenta”, na primavera de 5 de julho de 1934, quando aconteceu um massacre de manifestantes pela polícia de São Francisco que encerrou uma greve geral nas docas da cidade. Aquele evento é considerado o marco inicial do Popular Front, nos EUA.⁵ Por muitas vezes ainda, as páginas da *Partisan* serviram como plataforma para a divulgação desses manifestos intelectuais (e suas repercussões) sobre as grandes greves e movimentações sindicais (e as reações, quase sempre violentas da polícia, dos industriais e fazendeiros) que se espalhavam pelo país e animavam o Popular Front num movimento nacional sem precedentes até então nos EUA.

Na segunda metade da década de 1930, contudo, os rumos do movimento comunista internacional renunciaram importantes mudanças para o Popular Front nos EUA e todo o movimento cultural que o acompanhou.⁶ E a história da *Partisan Review* é novamente emblemática em meio aos debates da esquerda estadunidense daquele período. A partir de 1936-7 inicia-se um progressivo distanciamento da revista em relação ao CPUSA. Os editores da PR, William Phillips e Philip Rahv, assim como parte considerável da esquerda ao redor do mundo, discordavam da proposta das Frentes Populares como estratégia para o combate ao fascismo, deliberada no VII Congresso da Internacional Comunista, de 1935. Internamente, havia ainda a discordância de seus editores com as crescentes tentativas de controle da linha editorial da *Partisan* pelo CPUSA, seu principal mantenedor, através do John Reed Club, aumentando assim o desgaste. A explosão causada pela repercussão dos Julgamentos de Moscou (1935) e as acusações do regime soviético contra Leon Trotsky, cindiriam ainda mais as relações políticas de seus editores com os círculos comunistas, levando a ruptura definitiva em dezembro de 1937, quando a revista é momentaneamente fechada.

Em março de 1938, a *Partisan Review* seria reaberta, sob uma nova linha editorial, agora, livre da ingerência comunista.⁷ Por um lado, a ruptura proporcionaria maior liberdade de reflexão com a incorporação de novos colaboradores e editores. É nesse momento que a PR se torna o grande centro aglutinador da esquerda anti-stalinista nos EUA, congregando ao longo do final da década de 1930 e por toda

⁴ GILBERT, James. Literature and Revolution in the United States: The *Partisan Review*. *Journal of Contemporary History*. v. 2, n. 2, Literature and Society. Abril, 1967, p. 161-176. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0022-0094%28196704%292%3A2%3C161%3ALARITU%3E2.0.CO%3B2-J>. Acesso em: 21 mar. 2010; BLOOM, Alexander. *Prodigal Sons*. New York: Oxford University Press, 1986; WALD, Alan M. *The New York Intellectuals: The rise and decline of the Anti-Stalinist left from the 1930s to the 1980s*. Chappell Hill: The University of North Carolina Press, 1987.

⁵ DENNING, Michael. *The Cultural Front*. New York: Verso, 1997, p. 13

⁶ BUHLE, Paul. *Marxism in the United States*. London: Verso, 1992.

⁷ PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*. New York: Stein and Day, 1983, p. 37

a década de 1940, nomes que ajudariam na formatação de sua nova linha editorial: Dwight Macdonald e Mary McCarthy – os que são imediatamente incorporados – e mais adiante, Hannah Arendt, Irving Howe, Lionel Trilling, James Burnham, Susan Sontag, etc. Por outro lado, contudo, o afastamento dos comunistas traria a revista enormes dificuldades financeiras e grandes conflitos com os agora tornados “opositores”.

De todas as cartas enviadas para a revista e transformadas em coluna, aquela que durou por mais tempo e teve uma contribuição sistemática – em grande medida, sendo então o exemplo mais acabado da transição vivida pelo círculo e o editorial da revista no processo de rompimento com os comunistas – foram as cartas enviadas desde Londres. A história das *London Letters* para a *Partisan Review*, em particular, começa no ano de 1939, pouco tempo depois do rompimento com os comunistas. Fora Desmond Hawkins, escritor e roteirista britânico, o responsável por inaugurar a coluna. As “London Letters” seriam publicadas entre 1939 até 1949, contando com um total de 23 “cartas”, sendo duas de Desmond Hawkins (1939 e 1940), quinze de George Orwell (1941 a 1946), duas de Arthur Koestler (1947 e 1948), uma de Humphrey Slater (1948) e outras duas de Cyril Connolly (ambas em 1949).

O momento de publicação das *London Letters* cobre um período importante para os EUA e Grã-Bretanha no século XX: entre a declaração da Segunda Guerra Mundial até o início da chamada “guerra fria cultural”. A publicação das cartas é simultânea ao exato momento em que os EUA e o Império britânico entram definitivamente na Guerra Mundial, com o governo britânico declarando guerra aos países do Eixo em 1939 e o governo dos EUA em 1941.

George Orwell, famoso por duas das maiores distopias do século XX, o *Animal Farm* (publicado em Londres em 1945 e em Nova York em 1946) e o *1984* (publicado simultaneamente em Londres e Nova York em 1949), ficaria responsável pelo maior número das “London Letters”: 15 no total. O autor passa a assinar a coluna a partir de 3 de janeiro de 1941, momento em que envia a primeira carta à Nova York. Suas contribuições através das *London Letters* se estenderiam até o verão de 1946. Além da coluna, Orwell continuou escrevendo esporadicamente para a *Partisan Review* até poucos meses antes de sua morte, em 21 de janeiro de 1950. Seu ensaio “*Such, Such Where the Joys*”, por exemplo, também publicado postumamente, em 1951, seria republicado na *Partisan* no volume de setembro-outubro de 1952. Para a *Partisan Review*, Orwell publicaria ainda uma série de textos, entre ensaios políticos e literários, sendo ainda comentado e revisado por outros autores que compunham o círculo em torno da PR.

O raiar da Segunda Guerra Mundial e os dilemas para o círculo da *Partisan Review*

Desde o fim da década de 1930, a entrada dos EUA na Guerra Mundial – ou

seu isolamento – já era tema de grande debate entre os círculos da esquerda no país. Na metade da década, o governo estadunidense já havia sido acusado de omissão, especialmente pelos comunistas locais, por ter virado às costas à Segunda República Espanhola, democraticamente eleita, após o Golpe militar de 17 de julho de 1936, quando se inicia a Guerra Civil espanhola, quando já se sabia do apoio nazista as forças rebeldes.

Para o círculo em torno da *Partisan Review*, com isso, a guerra mundial se tornara assunto central antes mesmo da entrada definitiva do país no conflito.⁸ Na *Partisan Review* 6, Primavera de 1939, foi afirmado através de seu editorial que: “*War Is the issue!*”. A declaração surgiu a partir dos debates promovidos pela *League for Cultural Freedom and Socialism*, criada entre a esquerda dissidente pouco antes da assinatura do pacto Nazi-soviético em 1939. Como veremos, no entanto, não estava claro ainda o papel dos EUA na Guerra Mundial para muitos intelectuais que ainda mantinham intactas às memórias da Primeira Guerra e seus efeitos para a economia mundial (e local). A divisão dentro do círculo da *Partisan* quanto à participação dos EUA na Guerra Mundial foi então natural. De um lado, os trotskistas - “líderados” dentro da *Partisan* por Dwight Macdonald – viam no pacifismo, ou seja, no isolamento dos EUA, a única solução para, ao mesmo tempo, combater o fascismo (um perigo real, mas para o qual ainda se buscava uma definição clara nos EUA) e o militarismo chauvinista-nacionalista local. Do outro, o grupo liderado por Philip Rahv, via no esforço de guerra e na adesão dos EUA em apoio à Grã-Bretanha, a única solução viável para o combate ao fascismo.

Havia ainda uma segunda questão central para o círculo em torno da PR no período entre 1939 – quando é declarada a guerra mundial, mas quando também é assinado o Pacto de não agressão entre Hitler e Stálin que, como veremos, atingiu em cheio os círculos de esquerda nos EUA – e 1941, quando os EUA entram por fim no conflito. Além de assumir a guerra mundial como tema central, a PR concentrou uma série de debates em torno permanência de uma ideia de radicalismo cultural, que funcionava como uma espécie de alternativa às correntes políticas *mainstream* do período, a saber, o comunismo, o liberalismo e o fascismo, conduzidos com tensões internas importantes. Desta forma, a PR e sua *entourage* assumia para si um sentimento de “grupo minoritário” que definiria sua identidade no início da década de 1940.⁹

Desde o contexto internacional da definição do Popular Front como a tática internacional de combate ao fascismo, em 1935, no entanto, a *Partisan Review* era contrária a uma nova guerra mundial, combinando, nas palavras de Terry Cooney,

⁸ HOWE, Irving. How *Partisan Review* Goes to War. *New Internationalist*. v. 8, n. 4, Abril 1947, p.109-11. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/index.htm>. Acesso em: 3 jun. 2012

⁹ HOWE, Irving. The Dilemma of *Partisan Review*. *New Internationalist*. v. 8, n. 1, Fevereiro 1942, p. 20-23. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/index.htm> Acesso em: 15 fev. 2014. MACDONALD, Dwight. The *Partisan Review* Controversy. *New Internationalist*. v. 8, n. 3, Abril 1942, p. 90-93. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/etol/newspape/ni/index.htm>. Acesso em: 15 fev. 2014.

“a polêmica anti-stalinista com a doutrina radical das “lições” aprendidas com a Primeira Guerra Mundial”. Na primavera de 1938, a guerra se tornou tema dos debates da revista no editorial da *Partisan* (já em sua fase anti-stalinista), no texto intitulado “This Quarter”, dividido em cinco temas: o primeiro deles, “This Quarter: Munich and the Intellectual”, *Partisan Review* 6, primavera de 1938 (p. 7-10) – que tratou da Conferência de Munique de finais de setembro (1938), e que “denunciava” a “manipulação de políticas social-patrióticas, idênticas às ilusões supraclassistas que apareceram em 1914 e que eles haviam renunciado para sempre”.¹⁰

O segundo editorial do início de 1939, segundo Cooney, “ilustrou o poder da questão da guerra em alterar a atenção da *Partisan Review* do stalinismo naquele momento, em direção à visão de liberais do *mainstream*” nos EUA.¹¹ Com isso, os editores da PR afastavam-se de qualquer visão que polarizasse as análises sobre o Nazismo, por exemplo, de interpretações que atribuíssem as causas da guerra a referências “coletivas”, fruto da “natureza de um povo”, ou seja, do povo alemão. Da mesma maneira se deu com o terceiro editorial, intitulado “This Quarter: Anti-fascist Jitterbug”, *Partisan Review* 6, inverno de 1939 (p. 4-6) – provavelmente escrito por Philip Rahv. Essa era, por exemplo, a maneira como Hailing Lewis Mumford, analisava o racismo nazista. Para Mumford, o ódio racial que caracterizava o nazismo era fruto da “patologia da mente alemã” que se equalizava com o “hun-baiting de 1914-18”. Como analisa Terry Cooney que estudou detalhadamente esse período da *Partisan Review*, era mais que óbvio que tomar como referência qualquer tipo de caracterização coletiva do nazismo como um desdobramento “racial”, “étnico” ou “cultural” do “caráter alemão”, seria repetir a mesma fórmula utilizada por Hitler para tratar dos Judeus.¹²

É preciso notar que, neste ponto, é reintroduzido o tema da autocrítica nacional no teor dos debates sobre a guerra mundial dentro da PR. Ao descaracterizar (ou, re-problematizar) um tipo de discurso que parecia comum em alguns dos primeiros analistas que pensaram o fenômeno nazista – ou seja, de incriminação coletiva do povo alemão – especialmente em relação ao tema do Holocausto (assim caracterizado o genocídio em massa contra diversas minorias, entre elas os Judeus no período posterior à guerra) – os debates da *Partisan Review* ampliaram a discussão para além das tentativas de compreensão do *ethos* nazista. Aqui, o problema se construía como o reflexo de um espelho – decisivamente reafirmando seu caráter ideológico, no sentido marxista do termo – em que o que se colocava em questão era também a construção paralela de um discurso afirmativo de superioridade racial, ética e moral, dos EUA (e o mesmo se dava na Grã-Bretanha, de certa maneira), frente aos envolvidos na Guerra: aos alemães e os russos, nessa primeira fase, e depois os japoneses, a partir de dezembro de 1941, logo após o ataque a Pearl Harbor. Ou seja,

¹⁰ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals. Partisan Review and its circle, 1934-1945*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1986. p.168

¹¹ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 169.

¹² *Ibidem*, p. 168.

argumentar que os EUA deveriam apoiar a guerra ao lado dos britânicos pelo “espírito superior” anglo-saxão frente à barbárie nazista (atribuída então a uma “degenerescência” do “caráter alemão”), era repetir a fórmula da “superioridade” (racial ou política) de um povo sobre o outro. Mecanismo mais que comum em muitos dos argumentos pró-guerra elaborados tanto entre os intelectuais como no discurso oficial da propaganda belicista às vésperas da entrada definitiva dos EUA na guerra. Como veremos a frente, o tema da autocritica nacional em meio aos discursos políticos que se cruzavam no limiar da entrada dos EUA na Guerra, era central dos debates travados dentro das London Letters, em especial nas contribuições de George Orwell.

O debate que tomava contornos morais – da defesa da “civilização” contra a “barbárie nazista” - tomou conta de um número considerável de textos dentro da Partisan Review. Um excelente exemplo de como a temática se desdobraria dentro do contexto anglo-saxão foi o embate entre Dwight Macdonald e o poeta inglês Stephen Spender no texto “Defense of Britain: a controversy between Stephen Spender and Dwight Macdonald”, publicado na PR v. 7, n. 5, setembro-outubro de 1940. O debate entre Spender e Macdonald, foi motivado pela resposta de Macdonald ao artigo, “September Journal” de Spender, publicado na PR v. 7, n. 2, março-abril, 1940 (p. 90-106) – uma espécie de diário escrito entre os dias 3 e 10 de setembro de 1940.

Macdonald criticara especialmente uma suposta defesa de Spender de Neville Chamberlain como um “mal menor” em comparação a Hitler, argumentando que era viável uma defesa dos interesses britânicos diante da ofensiva fascista pela Europa. Macdonald responde argumentando que não havia nenhuma possibilidade do governo conservador britânico representar qualquer saída democrática ao fascismo já que o próprio sistema democrático burguês estava fadado ao fracasso. Claramente, há uma disputa ideológica entre as posições moderadas pró-guerra de Spender, similares as que assumiram mais à frente parte dos intelectuais em torno da PR e a postura antibelicista de Macdonald que, assim como argumentavam os trotskistas, defendia que apenas o isolamento e a impulsão dos movimentos trabalhistas locais rumo a um socialismo revolucionário poderiam, simultaneamente, representar tanto a derrota do fascismo quanto do imperialismo, inclusive britânico. O argumento de Macdonald, junto com uma análise da questão nacional sob a égide do perigo fascista e o que resultaria dos movimentos socialistas locais foi estendida ainda no artigo “National Defense: The Case of Socialism”, publicado na PR, v. 7, n. 4, julho-agosto de 1940 (p. 250-266). E no debate sob o título “What is Fascism” publicado na PR v. 8, n. 5, setembro de 1941 (p. 418-130), que contou com os artigos: “A letter to the editors”, de Victor Serge; “Fascism and Capitalism”, de Marceau Pivert; “End of German Capitalism” também de Macdonald.

Em grande medida, com isso, a autocritica nacional, ou as tentativas em superar o esgotamento das fórmulas narrativas hegemônicas locais abriu os horizontes da Partisan Review, novamente para a Europa a fim de reencontrar sua identidade

dissipada na névoa das rugas entre a esquerda nos EUA.

William Phillips em sua autobiografia, lançada em 1983, tratará em um de seus capítulos da aproximação efetiva do círculo em torno da *Partisan Review* com os intelectuais europeus, muitos dos quais passam a contribuir com a revista já a partir da final da década de 1930. E logo de cara, a Segunda Guerra Mundial aparece nas memórias de Phillips como catalisadora do período que ele chamou de “conversão, desconversão, apostasia, mudanças de crença e, particularmente para aqueles que haviam se associado à *Partisan Review*, um tempo de crise pessoal e intelectual”.¹³ Sobre a Segunda Guerra Mundial, Phillips destaca, pensando a crise da esquerda nos EUA e as dificuldades de assimilação das questões postas na mesa a partir de então, pontos-chave para os debates daquela geração: como conciliar o marxismo-leninismo com o anticomunismo, já que o Pacto Nazi-Soviético liquidará qualquer crença na URSS como um Estado “democrático” e, ao contrário, tão totalitário quanto à Alemanha do Reich? Como lidar com o esforço de guerra, necessário para derrotar o fascismo, inimigo comum de todos, sem cair nas armadilhas do nacionalismo chauvinista? Qual era o lugar do pacifismo e das ideias anti-guerra frente à ameaça fascista?

Sobre essas questões, Phillips fará referência ao debate publicado nas páginas da *Partisan Review* em que Clement Greemberg e Dwight Macdonald, de um lado, e Philip Rahv, de outro, discutiam as razões para a adesão, ou não, dos EUA na Segunda Guerra Mundial, como símbolo daquele tempo. Phillips admite¹⁴ que ficou fora da disputa por não ter claro para si qual das duas posições apoiar: ser pró ou anti-guerra, já que acreditava que a guerra era necessária para derrotar o fascismo (posição de Rahv), mas via-a, assim como a tradição marxista o ensinara, como outra etapa do capitalismo (posição de Greemberg e Macdonald). Na sequência, Phillips tratará de como a questão do Holocausto confundia ainda mais a apreciação sobre a guerra, já que, por um lado, o que se passava com os Judeus não era, de fato, tão claro nos EUA no começo da década de 1940 e, por outro, a apreensão do fascismo como um fenômeno totalitário ainda estava em construção.¹⁵

O fato é que a Guerra criou um abismo entre aquilo que havia servido de guia teórico para o radicalismo daquela geração – o marxismo – e algo novo que, no final das contas, ainda não se sabia o que era. Nesse vácuo teórico, onde os conceitos se confundiam tanto quanto os sentimentos, emergiu o que Phillips chamou de “legitimação de sentimentos e doutrinas nacionalistas, ambos em países desenvolvidos quanto atrasados, e a santificação de sentimentos e aspirações étnicas”.¹⁶

Como a crença no marxismo já havia se dissipado para muitos dos intelectuais em torno da PR, a busca por outras experiências filosóficas, estéticas e literárias inevitavelmente (e uma vez mais) voltou-se para os Europeus (repetindo a fórmula

¹³ PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*, *Op. cit.*, p. 121.

¹⁴ *Ibidem*, p. 122.

¹⁵ *Ibidem*, p. 123.

¹⁶ *Ibidem*.

do modernismo na década de 1920). Na metade da década de 1940, por exemplo, Phillips rememora a série de artigos que a *Partisan Review* publica, destacando intelectuais que haviam se envolvido com a resistência antifascista, especialmente na França. É nesse momento que cresce, por exemplo, o interesse por escritores como Jean-Paul Sartre e Albert Camus.¹⁷ Foi esse despertar que motivaria a aproximação com muitos outros intelectuais ao longo da década de 1940 e permitiria a ampliação das pontes e redes de interlocução construída desde o desencadear da Guerra Mundial, no início da década.

A aproximação com uma vanguarda radical europeia nos anos da Segunda Guerra Mundial

O calor das ideias convulsionadas pelo ambiente do *Popular Front* nos EUA da década de 1930 há muito se extinguiu. Fora naquele ambiente que, dialeticamente – entre a aceitação daquela efervescência criativa como “síntese de radicalismo” e a recusa de seus caminhos literários – ficou claro que o monstro que daria origem a *Partisan Review* havia sido alimentado. Com o correr da década, no entanto, e as várias quebras de continuidade no processo de (re) formação dos caminhos político-ideológicos dos intelectuais da esquerda de Nova York, outros problemas foram sendo (im) postos como obstáculos a serem superados no processo de reorientação identitária da *Partisan Review*.

Tem-se, com isso, o ano de 1939 – que marcou simultaneamente o fim do *Popular Front*, com a assinatura do Pacto Nazi-soviético e o início da Segunda Guerra Mundial¹⁸. Tanto quanto os dilemas trazidos pela conjuntura político-econômica internacional e seus possíveis reflexos internos nos EUA – cuja memória da Primeira Guerra e seus efeitos para o universo intelectual do país ainda estavam tremendamente vivos, como vimos acima – havia então dilemas relacionados aos efeitos ideológicos da aproximação da URSS com o fascismo, o que cindiu definitivamente a esquerda local. Para a *Partisan*, já há muito afastada do *mainstream* partidário comunista, sua identidade se baseava na crítica à crise do movimento comunista internacional (e seus reflexos nacionais). Da crise da esquerda nacional surgiu a possibilidade também para, uma vez mais, reafirmar o caráter independente da revista, tanto quanto reafirmar os valores que deveriam guiar essa independência. O papel social do intelectual, em torno de sua posição como um “grupo social especial”, com suas tradições próprias, criatividade e integridade individual, agora aparecia como central na ideia da “missão cultural” da *Partisan Review*.

A rememoração de valores fundamentais ao trabalho intelectual e ao papel

¹⁷ PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*, *Op. cit.*, p. 107.

¹⁸ Como veremos mais a frente, contudo, a periodização que indica o ano de 1939 como o fim do *Popular Front* nos EUA não é hegemônica na historiografia. Michael Denning (1997), por exemplo, apontará a década de 1960 como um possível marco concreto para o período.

da *Partisan Review* foram temas centrais para Philip Rahv e James T. Farrel em seus últimos artigos da década de 1930, que pareceram prenunciar os desafios do porvir. Em seu artigo, intitulado “Twilight of the Thirties”, e publicado na *Partisan Review* 6, verão de 1939 (p. 4-5), Rahv argumentara que a defesa da revolução social como um aspecto fundamental para a construção de uma cultura emancipatória, fora, não apenas justa, mas acertada na metade da década de 1930. Foi a defesa da revolução social que elevou a cultura ao um novo nível – aqui, há que se notar, Rahv faz uma referência indireta ao afastamento dos intelectuais de sua geração dos valores culturais tradicionais nativos, baseados, também no modernismo. O que brechara esse projeto de construção de uma literatura radical havia sido a intransigência autoritária dos stalinistas. Foi a influência comunista, segundo Rahv, que provocou a supressão dos sonhos de construção de uma cultura emancipatória, tanto dentro da *Partisan Review*, quanto na literatura ocidental. É preciso entender que nesse momento, Rahv tece suas reflexões como uma espécie de autocrítica da esquerda, dentro e fora dos EUA. Por isso suas palavras são direcionadas diretamente ao stalinismo, sem tocar, no entanto, no fascismo ou nas pressões políticas internas do nacionalismo, expostas nas políticas governamentais que direcionaram a produção cultural para o esforço de reconstrução da economia do país na década de 1930, através das políticas públicas do New Deal.

Assim, como autocrítica, tanto da esquerda como das próprias experiências da *Partisan Review* e de seu círculo de intelectuais em meio a ela, Rahv não evita reconhecer seus próprios (e, obviamente, da revista) erros. Insiste, no entanto, que a PR sempre buscara conjugar a arte e as ideias radicais. Com isso, faz um raio-x do papel da política para a arte na década de 1930: do então caminho mais frutífero para a percepção das relações entre a imaginação literária e a realidade social, a política passa a ser uma barreira para os impulsos da criação imaginária e, por consequência, sua auto aniquilação. O ponto central da argumentação de Rahv era de que a política *tout court* não podia ser estabelecida como um simulacro e que, se assim fosse, não se podia esperar bons resultados para a literatura.

Nesse momento, mais uma vez, as relações tradicionais do artista moderno para com a sociedade que o cercava retornavam com força criadora na argumentação de Rahv sobre o papel do intelectual contemporâneo. Ao tratar dos labirintos criados pela *intelligentsia* para si própria – valores morais e éticos que mantinham o intelectual introjetado em si mesmo e, muitas vezes, isolado da sociedade¹⁹ – Rahv reconhece a construção de valores extremamente críticos a sociedade burguesa. Apesar

¹⁹ Aqui é possível sugerir como guia metodológico as reflexões de Karl Mannheim, já que o autor vai pensar às particularidades do desenvolvimento social desse grupo em meio à divisão do trabalho na sociedade capitalista moderna. Sobre isso Mannheim escreve o seguinte: “(...) O surgimento da *intelligentsia* marca a última fase do desenvolvimento da consciência social. A *intelligentsia* foi o último grupo a adotar o ponto de vista sociológico, pois sua posição na divisão social do trabalho não lhe propicia acesso direto a nenhum segmento vital e ativo da sociedade. O gabinete recluso e a dependência livresca só permitem uma visão derivada do processo social. Não é por acaso que essa camada ignorou por tanto tempo o caráter social da mudança”. MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 78.

do isolamento do artista moderno, esse fora frutífero na manutenção de sua “Integridade intelectual”.

Frente às pressões exercidas pelo fascismo, pelo stalinismo e pelo nacionalismo sobre a literatura, essa volta há um passado onde o intelectual se encontrara no *sprit de corps* criado pelo sentido da definição de “intelligentsia”, parecia, segundo as argumentações de Rahv, o melhor caminho para a reconquista de um espaço criativo independente. A volta ao modernismo do final do século XIX, parecia querer recuperar o avivamento que a cultura moderna dera ao mundo – com “o romantismo, o naturalismo, o simbolismo, o expressionismo, o surrealismo, etc.”. “A tradição do desapego e da dissidência fora também à tradição da diversidade e da vitalidade”, afirma Cooney. “O que Rahv queria claramente encontrar na tradição da intelligentsia e na literatura moderna era uma força para sustentar a Partisan Review durante o período de colapso e conflagração do mundo [dos anos da Segunda Guerra Mundial]”, conclui Cooney.²⁰

Desencadeada a guerra e mergulhado o mundo nas disputas entre ideologias que pareciam tão autoritárias umas quanto às outras para o intelectual independente, o otimismo não podia mais ser uma saída aceitável. O retorno ao passado modernista – mais uma vez, como fora para a Partisan Review antes, quando da separação dos comunistas, em 1937 – podia assegurar, com isso, a manutenção do tradicional senso de integridade intelectual que parecia necessária para, dali, fazer avançar um projeto renovado, alternativo as narrativas (políticas, mas também estéticas) do presente.

A tentativa de recuperar valores tradicionais da ação intelectual como base para um projeto alternativo no presente fez reviver, nas ideias de Rahv para a Partisan, também outro valor que fora fundamental em 1937: um senso de identidade de grupo muito forte. As reflexões de Rahv daquele ano de 1939 se dirigiam a situação cultural interna dos EUA no momento em que explode a guerra mundial, dominada por um sentimento nacionalista e pró-guerra. Para o círculo da Partisan, os liberais pró-guerra produziam um discurso tão nocivo para a literatura quanto os fascistas e os stalinistas. A PR se foca então em uma crítica ao reavivamento dos ideais liberais recuperadas do contexto da Primeira Guerra Mundial, principalmente baseados em valores culturais nacionais tradicionais.²¹

A grande vantagem desse projeto (alternativo) para o círculo ao redor da Partisan Review foi permitir a continuidade do radicalismo de suas ideias, enquanto se afastavam progressivamente do marxismo ao longo da década de 1940. Fora esse projeto, por exemplo, que permitiu a muitos dos intelectuais situados em torno da Partisan Review se realinharem a uma noção de uma “cultura elevada”, forçando-os a um retorno a uma literatura do passado. Movimento que possibilitou a estes homens e mulheres se ancorar em valores como o pensamento crítico e o cosmopolitismo – fundamental para a formação cultural dos intelectuais em Nova

²⁰ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 199.

²¹ RAHV, Philip. Proletarian Literature: A Political Autopsy. In : *Essays on Literature and Politics, 1932-72*. Ed. Arabel J. Porter and Andrew Jdvosin. Boston: Houghton Mifflin, 1978, p. 292-308.

York, como demonstrou, por exemplo, Heloísa Pontes²² – ao mesmo tempo em que erigiam sua crença nos valores básicos de uma sociedade democrática. Esse caminho forçosamente baseado em uma leitura historicista da tradição modernista, traduzido na afirmação dos desafios em se publicar um “trabalho seriamente criativo”, reafirmou os valores tradicionais da *intelligentsia* entre o círculo da Partisan Review, que lhe serviu bem como norte nos anos da Segunda Guerra Mundial.²³

Entre 1939 e 1941, a Partisan Review viu uma volta aos anos de 1920, com a publicação de artigos memorialísticos que recordavam a ascensão da geração modernista europeia – como os artigos de Louis MacNeice sobre o nascimento da geração de Auden; Eugene Jolas, sobre James Joyce; Marianne Moore sobre a efervescência das ideias das vanguardas modernistas. Ao mesmo tempo, os editores da Partisan, aproximaram relações com suas contrapartes europeias. Os primeiros europeus a serem incorporados como colaboradores fixos foram André Gide, encarregado de uma coluna chamada “Pages from a Journal”, em 1939, e Stephen Spender, com a coluna chamada “September Journal”, em 1940. É nesse momento exato em que aparecem as primeiras “Cartas” de correspondentes estrangeiros: as primeiras vindas de Paris e Londres. Terry Cooney, uma vez mais, sugere que a incorporação de intelectuais europeus nessas novas sessões criadas dentro da Partisan Review, reforçaram a ideia da importância de uma *intelligentsia* independente e detentora de valores políticos e estéticos autônomos.²⁴

A aproximação da geração modernista, no entanto, teve como caminho também o estreitamento de relações com os modernistas nos EUA. Em 1939, o *Symposium on American Writing*, organizado pela Partisan Review, reuniu uma gama diversa de autores que contribuíram diretamente com a literatura estadunidense da década de 1920, reafirmando o papel da cultura local para a experiência moderna.²⁵ Ainda no final da década de 1930, Cooney lembra a “reaproximação” do círculo em torno da PR para com os poetas modernistas do sul dos EUA – e foca a análise brevemente na relação entre Philip Rahv e Allen Tate. Cooney não hesita em afirmar assim, que a Partisan Review ganhou força com essas novas conexões com o “sul” – seus escritores e críticos. Além disso, a possibilidade de estender suas redes de comunicação com os europeus, os veteranos da década de 1920, poetas e escritores emergentes, além dos escritores do sul dos EUA, ajudou a guiar a revista pelo caminho crítico da década de 1940.²⁶

²² PONTES, Heloísa. Cidades e intelectuais: os nova-iorquinos da Partisan Review e os ‘paulistas’ de Clima entre 1930 e 1950. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, out. 2003, p. 33-52.

²³ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 206.

²⁴ *Ibidem*, p. 207.

²⁵ Entre eles, John Dos Passos, Allen Tate, James T. Farrell, Kenneth Fearing, Katherine Anne Porter, Wallace Stevens, Gertrude Stein, William Carlos Williams, John Peale Bishop, Harold Rosenberg, Henry Miller, Sherwood Anderson, Louise Bogan, Lionel Trilling, Robert Penn Warren, Robert Fitzgerald, R. P. Blackburn, Horace Gregory. Como ressalta Cooney, a intenção, com isso, era transformar a revista em um centro contínuo de cultivo da escrita moderna. COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 208.

²⁶ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 208-209.

As novas fronteiras estabelecidas pela PR no final da década de 1930 seriam as mesmas que guiariam a revista até o final da Segunda Guerra Mundial: a crença em uma literatura, ao mesmo tempo, engajada nos problemas contemporâneos, mas que pudessem estar alheias as tipificações das narrativas políticas hegemônicas em disputa no presente. Para isso, reforçava-se o ideal não apenas de uma arte independente, mas de uma *intelligentsia*, como dissemos acima, no sentido estrito de um grupo social com valores éticos e morais próprios.

Sobre o retorno dessa noção de “ideal” dentro da Partisan Review no começo da década de 1940, são emblemáticos os ensaios de Delmore Schwartz, “The Poet as Poet”, *Partisan Review* 6, primavera de 1939 (p. 55-6), e de F.W. Dupee, “The Discussion was Lively”, *Partisan Review* 8, novembro-dezembro de 1941 (p. 512-13). Especialmente em Dupee, pode-se ler a defesa de uma literatura que reflete a si mesma e se preocupa com seus valores internos. Além disso, para Dupee, “talvez” fosse apenas fazendo referência a situação histórica sobre o momento em que a obra literária era produzida que se podia entendê-la como um todo.²⁷

Da mesma maneira, o esgotamento das formas marxistas como cimento da relação entre a arte e a política entre o círculo da Partisan,²⁸ aparece em uma resenha de William Phillips sobre um livro do escritor italiano Ignazio Silone, publicado em 1942 (Cooney, que cita a resenha de Phillips, no entanto, não dá o título do livro de Silone). Para Silone, um dos fundadores do Partido Socialista Italiano e um dos mais influentes intelectuais anti-stalinistas europeu daquela geração, a saída para o stalinismo estava na readmissão de valores éticos tradicionais baseados na vida campestre e na religião. Para Phillips, a argumentação de Silone parece uma recusa da cultura urbana a favor de um “estoicismo campesino”. Além disso, seu retorno à religião parecia explicar, para Phillips, seu interesse na vida rural, o que, em ambos os casos, abria caminho para todos os tipos de mistificação. A análise que Phillips oferece de Silone deixa claro, mais ainda, seus próprios valores cosmopolitas, ao mesmo tempo em que ressalta sua incapacidade em propor uma saída paralela entre os valores tradicionais do marxismo e a “saída” ética de Silone. Para Phillips, o que Silone fez foi apontar o espelho uma vez mais para os intelectuais radicais que desistiam do marxismo, mantendo-se crentes quanto a sua possibilidade de redenção (leia-se aqui redenção frente ao stalinismo).

Outro ponto fundamental no processo de redefinição das fronteiras críticas da Partisan Review no início da década de 1940, estava na dedicação a uma reinterpretação da tradição nacional. O Estudo do “Americanismo”, como já tratamos acima, foi fundamental, por exemplo, para Philip Rahv. Seu artigo, “Twilights of the Thirties” foi emblemático na redefinição dos horizontes críticos da Partisan, no qual Rahv já havia considerado o peso da tradição nacional para a cultura moderna. Além

²⁷ *Ibidem*, p. 209.

²⁸ A relação entre o marxismo e o modernismo dentro da Partisan Review já foi analisada em texto anterior: Em busca de outra modernidade? O marxismo como reação cultural ao modernismo e a experiência da revista nova-iorquina Partisan Review nos anos de 1930. In: DURÃO, F.; MUSSI, D.; MARANHÃO, A. *Marxismo: Cultura e Educação*. Campinas: Nankin Editorial, 2015, p. 129-147.

desse, Rahv se dedicou a inúmeros outros trabalhos, entre artigos para as maiores revistas literárias de seu tempo nos EUA – além da *Partisan Review*, a *Southern Review* e a *Kenyon Review* – e alguns livros, como sobre Kafka e “a literatura em uma época política.” Além dos trabalhos de Rahv, outros artigos foram fundamentais entre esses estudos sobre a cultura nativa. Entre esses, o artigo de Edmund Wilson sobre Henry James, intitulado, “The last phase of Henry James”, para a *Partisan Review* 4, fevereiro de 1939 (p. 3-8).

Junto com Henry James, a recepção crítica a Franz Kafka desempenhou papel fundamental nas apreciações dos intelectuais em torno da *Partisan* sobre os alcances críticos do modernismo, ou, através do modernismo, o destaque a valores primordiais, como o cosmopolitismo, a secularidade e a racionalidade. O primeiro livro de Kafka publicado nos EUA foi *The Castle*, em 1930. No entanto, só foi a partir da publicação do *The Trial*, em 1937,²⁹ que o escritor tcheco ganhou destaque. A primeira crítica à Kafka dentro da *Partisan* aparece em 1938, como uma biografia crítica elaborada por Max Brod, amigo pessoal de Kafka e seu editor (Figura 1). A partir de então – incluindo as tentativas de publicação de três textos do próprio Kafka em 1939, 1941 e 1942 – várias resenhas são publicadas na *Partisan*, incluindo textos de William Phillips, F.W. Dupee, Max Brod e Philip Rahv.³⁰

Foi fora da *Partisan Review*, no entanto, – no artigo “The death of Ivan Ilyich and Joseph K.”, para a *Southern Review* 5, 1939-1940 (p. 174-185) – que Rahv deu uma carga “ideológica” a suas análises sobre Kafka. Nesse texto, em que comparava o trabalho do escritor tcheco com o russo Tolstoy, Rahv considerou que, apesar de carregarem uma dura crítica a vida burguesa, ambos se afastavam do cosmopolitismo e do pensamento crítico. Com isso, ao rejeitarem a civilização e o presente em favor da religião, do passado e do país, ambos rejeitavam o racionalismo. “O problema”, para Rahv, “estava, novamente, em justificar uma alta avaliação dos *insights* da literatura moderna sem aceitar as conclusões 'reacionárias' que os escritores tendiam a alcançar”.³¹

As cartas para a *Partisan Review* e a ampliação das redes de comunicação com os europeus

Defender a cultura moderna, com isso, possibilitou aos editores da *Partisan Review* outros horizontes na década de 1940. Enquanto a PR da década de 1930 teve o apelo dos ideais da esquerda de Nova York, a *Partisan* da década seguinte tem um apelo internacional.

Com o correr da década de 1940, o internacionalismo político fora substituído

²⁹ A primeira edição em língua inglesa do *The Trial*, de Kafka, traduzida direto do alemão por Edwin e Willa Muir, é publicada em Londres, pela editora Victor Gollancz Ltd., em 1937.

³⁰ COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 215.

³¹ *Ibidem*, p. 215.

por um internacionalismo literário dentro da *Partisan Review*, com a construção de redes de comunicação entre intelectuais que tinham o antifascismo e, excetuando alguns casos, como com o existencialismo de Sartre, o anticomunismo como horizontes. Muitos intelectuais europeus são incorporados ao círculo da revista e passam a contribuir de maneira constante com artigos, revisões, ensaios e resenhas. Nesse momento começam a surgir inúmeras “letters” de correspondentes de vários países europeus.

Como vimos logo no início desse artigo, a primeira das “letters” vem de Paris, e é publicada em 1938. A “Paris Letter” se estenderia até 1948, sendo, junto com as “London Letters”, a mais longeva. Ainda em 1948, surge uma “*Berlin Letter*”, assinada por Melvin J. Lasky, publicada na PR v. 15, n. 1, janeiro de 1948. Outra “*Berlin Letter*” aparecerá na PR v. 15, n. 4, abril de 1948, assinada também por Lasky. No mesmo ano de 1948, apareceria uma “*Spanish Letter*”, assinada por Saul Bellow, e publicada na PR v. 15, n. 2, fevereiro de 1948. Quatro anos antes destas, surge, na PR v. 12, n. 4, da primavera de 1944, a primeira “*Rome Letter*,” assinada por Moses Brown.

Em suas memórias, William Phillips vai atribuir a mediação das relações dos *New York intellectuals* com os escritores europeus a H.J. Kaplan e Nicola Chiaromonte³². Ambos assinariam cartas que seriam transformadas em coluna dentro da *Partisan Review*. H.J. Kaplan, por exemplo, assinará uma *Paris Letter* na PR v. 12, n. 4, da Primavera de 1944. Kaplan voltará a assinar uma *Paris Letter* no v. 13, n. 1, Inverno de 1946. E outra *Paris Letter* só aparecerá no v. 14, n. 5, de dezembro de 1947, também assinada por Kaplan. Já Nicola Chiaromonte também assinaria a *Paris Letter*, na PR v. 15, n. 9, de setembro de 1948. Chiaromonte voltará a publicar na PR no v. 16, n. 3, de março de 1949, agora assinando uma *Rome Letter*. Outra *Rome Letter* apareceria no v. 16, n. 6, de junho de 1949, também assinada por Chiaromonte. E o mesmo Chiaromonte assinaria outra *Paris Letter*, na PR v. 17, n. 7, de setembro-outubro de 1950. Outra *Paris Letter* apareceria no v. 18, n. 1, de janeiro de 1951, assinada uma vez mais por Chiaromonte.

³² PHILLIPS, William. *A Partisan View. Five decades of the Literary Life*, Op. cit., p. 103.

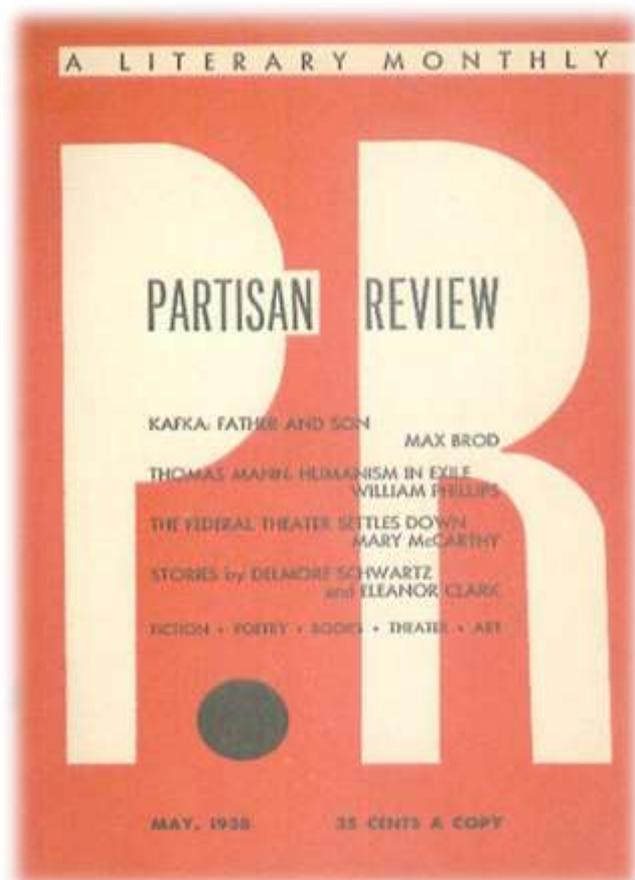


Figura 1. Primeira capa da reinaugurada *Partisan Review*, aqui no número 6, volume 4, de Maio de 1938, anunciando o primeiro texto sobre Franz Kafka publicado pela PR – de autoria de Max Brod, editor e amigo do escritor tcheco – e sobre Thomas Mann – de autoria de Williams Phillips, editor da PR. É importante notar também que o projeto gráfico e o design das capas muda quando da reabertura da PR em 1938, o qual permaneceria por alguns números até o final da década de 1930. Howard Gotlib Archival Research Center – University of Boston, EUA. Disponível online: <http://hgar-srv3.bu.edu/collections/partisan-review/>

Além das “letters”, outros europeus passam a contribuir sistematicamente com a PR ao longo da década de 1940. Entre aqueles que mais apareceriam nas páginas da revista estão Jean-Paul Sartre,³³ Albert Camus,³⁴ Ignazio Silone,³⁵ José Ortega y Gasset,³⁶ Raymond Aron,³⁷ Simone de Beauvoir³⁸. Outro grupo que contribuiria para a ampliação das relações dos intelectuais nova-iorquinos com os europeus, seriam os emigrados alemães – primeiro com Hannah Arendt e depois com os emigrados da Escola de Frankfurt, em especial com Max Horkheimer.

Hannah Arendt, por exemplo, chegaria aos EUA em 1941, depois de 6 anos de exílio em Paris. Em Nova York, se filiaria ao tradicional grupo de intelectuais da cidade, dentro do qual estabeleceria uma importante rede de diálogos até sua morte, em 1975. As posições independentes de Arendt – como por exemplo o fato de não

³³ Jean-Paul Sartre publicará na PR pela primeira vez no v. 12, n. 3, no Verão de 1945, o texto “The Case for Responsible Literature”.

³⁴ Albert Camus publicara seu primeiro texto autoral no v. 13, n. 2, Primavera de 1946, sob o título “*The Myth of Sisyphus*”.

³⁵ Ignazio Silone aparecerá pela primeira vez nas páginas da PR no v. 3, n. 6, de Outubro de 1936, com o artigo, “Two Syllables”.

³⁶ José Ortega y Gasset publicará autoralmente nas páginas da PR pela primeira vez no v. 16, n. 8, de Agosto de 1949, com o texto “*On Point of View in the Arts*”.

³⁷ Raymond Aron publica seu primeiro texto pela PR no v. 16, n. 4, de Abril de 1949, sob o título “The Crisis of the Fourth Republic”.

³⁸ Simone de Beauvoir publicará pela primeira vez na PR no v. 13, n. 3, Verão de 1946, o texto “Pyrrhus and Cyneas”.

haver passado pela fase leninista que caracterizara os intelectuais de Nova York, na década de 1930 – mesclada a sua formação alemã, foram decisivas na definição de sua posição como *outsider* do núcleo duro dos intelectuais de Nova York. As redes de contatos e afinidades criadas por este círculo de intelectuais, porém, permitiu-lhe refinar muitas de suas ideias políticas, discutidas diretamente com outros intelectuais que ali participavam. Fora Alfred Kazin (outro membro-contribuidor do círculo da *Partisan Review*), por exemplo, que articulou a publicação do *The Origins of Totalitarianism*, após recusa do editor original do livro. Sua vasta correspondência e a relação de amizade com Mary McCarthy (outra importante contribuidora da *Partisan Review*, desde a segunda metade da década de 1930), já foi motivo de interessantes estudos.³⁹ Da mesma forma, a recepção inicial do *The Origins of Totalitarianism* entre os intelectuais de Nova York, foi fundamental para elevar o status do livro dentro do cenário crítico dos EUA. Entre algumas dessas resenhas, a de Dwight Macdonald, intitulada “A new theory of totalitarianism”, publicada na revista *New Leader*, 34, 14 de maio de 1951, é fundamental nos estudos nativos sobre o fenômeno totalitário, já que Macdonald já se ocupava desde o início da década de 1940 em elaborar um entendimento teórico sobre o conceito político de totalitarismo e na análise do nazismo e do stalinismo como fenômenos autoritários. Nos EUA ainda, entre o círculo de Nova York, Arendt contribuiria nas décadas de 1940 e 1950 para as revistas *Politics* – dirigida por Macdonald – *Commentary* e *Partisan Review*, e mais tarde, nos anos de 1960, com a revista *New Yorker*, para o qual cobriria o julgamento de Adolf Eichmann, em Jerusalém.

As cartas de Londres: a participação dos britânicos na *Partisan Review*

O maior grupo de intelectuais europeus que publicariam na *Partisan Review* seria, no entanto, de britânicos (Quadro 1). Desde a participação de John Stratchey na apresentação que arrecadou dinheiro para a fundação da revista, em 1934, os britânicos contribuiriam sistematicamente com a PR. Os primeiros a publicar na *Partisan Review* seriam o poeta C. Day Lewis, que já havia sido comentado antes, mas cujo primeiro texto autoral apareceria no v. 1, n. 5, de Novembro-Dezembro de 1934, sob o título “The Road these Times Must Take”. Outro poeta britânico de grande renome a publicar pela PR ainda na década de 1930 é W.H. Auden cujo primeiro texto na revista aparecerá na PR v. 6, n. 3, no Inverno de 1939, sob o título, “The Public v. the Late W.B. Yeats”.

No final da década de 1930, outros britânicos passariam a contribuir de maneira sistemática com a PR. Entre os que mais publicaram nas páginas da revista estava Stephen Spender, cujo primeiro artigo aparece no v. 7, n. 5, setembro-outubro de 1940, intitulado “The Defense of Britain, A Controversy,” escrito em conjunto

³⁹ BRIGHTMAN, Carol (Ed.). *Between Friends: the correspondence of Hannah Arendt and Mary McCarthy, 1949-1975*. New York: Harcourt & Brace, 1995.

com Dwight Macdonald. Outro britânico que mais publicou pela Partisan Review foi George Orwell, com um total de 19 textos (entre estes, 15 “London Letters”), sendo o último publicado postumamente – o ensaio *Such, Such Were the Joys*, em 1952. Arthur Koestler foi outro dos que mais publicariam pela PR e que assumiria a assinatura das London Letters, em 1946, logo após Orwell abandoná-la. Koestler publicará seu primeiro texto autoral na PR v. 11, n. 3, no Verão de 1944, sob o título “The Intelligentsia”.

Quadro 1. Autores britânicos que publicaram pela Partisan Review

Autores britânicos que publicaram pela PR	Quantidade de textos	Ano do primeiro e último texto
C. Day Lewis	3	1934-1946
W.H. Auden	5	1939-1947
J.D. Savage	4	1938-1942
Julian Symons	3	1938-1943
Louis McNeice	4	1939-1946
Stephen Spender	16	1940-1949
Reiner Heppenstall	4	1940-1948
Herbert Read	2	1943-1945
George Orwell	19	1941-1952
Arthur Koestler	11	1944-1951
Alex Comfort	4	1942-1945
V.R. Prichett	2	1947-1948
John Stratchey	1	1935
Harold Laski	1	1943
Cyrill Connolly	2	1949
Franz Borkenau	1	1952
Desmond Hawkins	2	1939-1940
Humphrey Slater	1	1948
André Malraux	1	1935

Os três – Spender, Orwell e Koestler – somariam um total de 46 textos publicados na PR entre 1940 (quando aparece o primeiro texto autoral de Spender que, contudo já havia sido resenhado em 1936) e 1952 (quando o último texto de Orwell, já póstumo, é publicado na PR). Em termos quantitativos, podemos ter ideia da importância dos três para a Partisan Review: todos os outros britânicos que publicariam na PR no mesmo período somariam um total de 41 textos, cinco a menos que a tríade Spender, Orwell e Koestler (Figura 2).

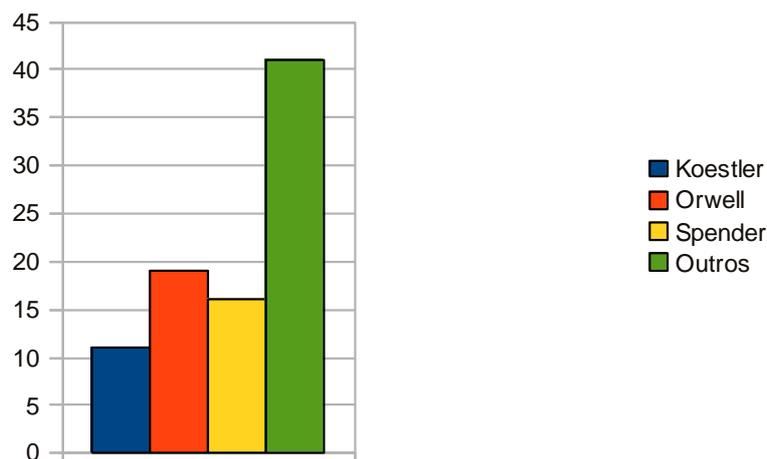
Entre os outros britânicos que publicaram pela PR ao longo da década de

1940 estavam Julian Symons e D.S. Savage que farão sua aparição nas páginas da PR pela primeira vez conjuntamente no v. 5, n. 1, de junho de 1938, com o artigo "Two English Poets". Outro que começa a publicar pela Partisan já no começo da década de 1940 é Louis McNeice que publicará no v. 6, n. 3, do Inverno de 1939, o artigo, "Extract from Autumn Journal". Outro britânico que começa a contribuir com textos para PR é Rayner Heppenstall, cujo primeiro texto na PR aparecerá no v. 7, n. 5, de setembro-outubro de 1940, sob o título de "English Nightmare". Ainda na década de 1940, Herbert Read também aparecerá pela primeira vez na PR no v. 10, n. 5, de setembro de 1943, com o texto "The Politics of the Unpolitical".

A lista daqueles que publicaram pela Partisan Review em Nova York advindos das linhas de frente do Left Book Club, o principal guarda-chuva de esquerda de Londres dentro do Popular Front britânico, não é extensa. No entanto, entre estes nomes, podemos encontrar alguns dos mais destacados intelectuais da esquerda anti-stalinista londrina. Além de George Orwell, que publicou um único livro pelo Left Book Club, o *The Road to Wigan Pier* (1937), Stephen Spender publicou pelo *Left Book Club* o livro *Foward from liberalism* (maio de 1937); já Arthur Koestler publicou pelo clube os livros *The scum of the earth* (maio de 1941) e *The Spanish Testament* (dezembro de 1937) e André Malraux – de nacionalidade francesa, mas que teve participação efetiva dentro do Popular Front britânico – que pelo LBC publicou, *Days of contempt* (Agosto, 1936). Malraux publicaria pela PR ainda na década de 1930, o texto "Literature in Two Worlds" na PR v. 2, n. 6, janeiro-fevereiro de 1935.

Figura 2.

Número de artigos publicados por britânicos na Partisan Review na década de 1940



Número de artigos publicados por britânicos na Partisan Review na década de 1940

Os fundadores e editores do Left Book Club também seriam temas dentro da Partisan Review. John Stratchey, que fora o responsável pela palestra que arrecadou fundos para a fundação da Partisan Review e publicaria pela revista alguns artigos em sua "primeira fase", foi o autor que mais publicou pelo LBC: *The theory and practice of Socialism* (novembro de 1936), *The coming struggle for power*. (Setembro

1937), *What are we to do?* (março de 1938), *Why you should be a socialist*. (Maio 1938), *A programme for progress* (Janeiro de 1940), *Federalism or Socialism?* (setembro de 1940), *A faith to fight for* (Janeiro de 1941). Pela PR, Stratchey publica seu primeiro texto no v. 2, n. 9, de outubro-novembro de 1935, sob o título de "Marxism and the Heritage of Culture". Já Harold Laski, aparecerá pela primeira vez na PR comentado por Sidney Hook no v. 10, n. 5, de setembro de 1943, na resenha "Illusions of Our Time," baseada na leitura de Hook do livro *Reflections on the Revolution of Our Time*, publicado por Laski. O editor-chefe do LBC, Victor Gollancz, apesar de não ter publicado pela *Partisan Review*, flutuou entre seu círculo, o que resultaria em contribuições para a revista *Politics*, fundada por Dwight Macdonald em 1943, logo após seu rompimento com os editores-sêniores da *Partisan* por discordâncias político-teóricas sobre os rumos da revista.

Além destes, outros intelectuais importantes dentro do Popular Front britânico publicariam também pela *Partisan Review* ao longo da década de 1940 e começo da década de 1950. Entre eles, Alex Comfort que publica seu primeiro texto na PR sob o título *Lyra: an Anthology of New Lyric*, escrito junto com Robert Greacen. Cyrill Connolly publicará seu primeiro texto na PR no v. 16, n. 3, de março de 1949, quando passará a assinar as *London Letter*. V.S. Pritchett aparecerá pela primeira vez na PR no v. 15, n. 10, publicando o texto "The Future of English Fiction". Franz Borkenau (austríaco de nascimento) apareceria na PR apenas no v. 19, n. 4, de julho-agosto de 1952, com o texto "Socialism in Arrears," uma revisão do livro *Capitalism and Socialism on Trial*, de autoria de Fritz Sternberg.

A primeira das *London Letters* aparece em 1939, assinada por Desmond Hawkins. Nascido no condado de Surrey, Inglaterra, em 1908, Hawkins se destacou no entre guerras britânico como jornalista, escrevendo para algumas das principais publicações do período na Inglaterra, além de ter editado também dois livros e publicando dois romances autorais. Entre outros periódicos, o autor contribui com as revistas *The Listener*, *Time and Tide* e *New Statesman*. Ainda na Inglaterra, foi editor da revista *The New English weekly* e contribuiu como cronista para o jornal dirigido por T.S. Eliot, *The Criterion*. Hawkins trabalhou ainda para a BBC de Londres, produzindo programas para a rádio estatal como freelancer ao longo da segunda metade da década de 1930, para se tornar um dos principais produtores da emissora na década de 1940. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hawkins se fixaria então como empregado da BBC, produzindo uma série de programas, primeiro de cunho literário, passando pelo programa diário *War Report*, até que, em 1945, assume definitivamente a posição de produtor de documentários para a emissora, em Bristol, e funda a Natural History Unit da BBC, responsável até os dias atuais pelos documentários acerca de história natural e vida animal da emissora.

No final da década de 1930, Hawkins passaria a contribuir também com a PR, assinando a coluna *London Letters*. Hawkins, no entanto, só publicaria dois artigos na coluna, sendo o primeiro deles no v. 6, n. 4, da Primavera de 1939. A segunda das *London Letters* assinada por Hawkins aparecerá na PR no v. 9, n. 1, de

Janeiro-Fevereiro de 1940. Hawkins interrompe o envio de textos para a *Partisan Review* no momento em que a guerra mundial diminuiu seus contatos, como afirmara autobiograficamente no livro *When I Was*, de 1989.⁴⁰

Logo após a desistência forçada de Hawkins, quem assume a assinatura das *London Letters* é George Orwell. O primeiro contato dos editores da *Partisan Review* com Orwell se deu em 9 de dezembro de 1940, no entanto, com outro dos editores da revista, quando Clement Greenberg, escreve à Orwell solicitando o seguinte:

Os editores da *Partisan Review* gostariam muito de tê-lo a frente das cartas inglesas para eles. Existem coisas que as notícias não nos dizem. Por exemplo, o que está acontecendo sob a superfície da política? Entre os grupos de trabalhadores? Qual é o sentimento geral, se é que existe tal coisa, entre escritores, artistas e intelectuais? Quais alterações suas vidas e suas preocupações sofreram? Você pode ser um fofoqueiro como quiser, e referir-se ao maior número de personalidades que você desejar. Quanto mais, melhor. Você pode usar seu próprio julgamento quanto ao comprimento.⁴¹

A participação de Orwell nas páginas da *Partisan Review* já foi motivo de artigo anterior de minha autoria publicado em 2014, por esse motivo, não aprofundarei a discussão neste momento.⁴² Com a adesão dos EUA à guerra em 1941, mesmo ano em que Orwell inicia o envio de suas “cartas”, a *Partisan Review* se viu frente a um conjunto renovado de desafios, tanto teórico-epistêmicos no campo da esquerda intelectual, quanto estéticos. As questões centrais na década de 1940 para uma das publicações mais influentes da esquerda intelectual dos EUA eram as seguintes: como manter uma crítica humanista da sociedade burguesa baseada nos ideais socialistas, contrapondo-se simultaneamente aos valores fascistas e chauvinistas-nacionalistas que tomaram, por exemplo, conta do discurso pró-guerra nos EUA? Ao mesmo tempo, como se dissociar daquilo que parecia ser o grande labirinto para a esquerda depois da assinatura do Pacto Nazi-soviético em 1939 – ou seja, o marxismo-leninismo, então reivindicado pelo stalinismo como seu legítimo guardião?

1941 – o mesmo ano em que Orwell começa a assinar as *London Letters* – é também o ano em que os EUA entram, por fim, na Segunda Guerra Mundial. Com os ataques japoneses à base naval de Pearl Harbor localizada no arquipélago do Havaí, em 7 de dezembro de 1941, a guerra – até então distante das vidas do cidadão médio estadunidense – havia sido trazida às portas do país. O governo de Franklin D. Roosevelt já não podia mais tratar a guerra como um problema “europeu”, mesmo que outras partes do mundo já tivessem sido tragadas para dentro do conflito desde o início da guerra, em 1939 – com o norte da África ocupado por Italianos e

⁴⁰ HAWKINS, Desmond. *When I Was: an autobiography*. London: Macmillan, 1989.

⁴¹ Clement Greenberg para Orwell *Apud* DAVISON, Peter (Org.). *Complete Works of George Orwell*. London: Secker & Warburg, 1998, v. 12: A Patriot After all - 1940-1941, p. 351.

⁴² SILVA, Matheus C. As cartas de Londres: a participação de George Orwell nas páginas da revista nova-iorquina *Partisan Review* durante a Segunda Guerra Mundial (1941-1946). *Faces da História*. v. 1, n. 2, julho-dezembro 2014, p. 132-160

Alemães, e praticamente toda a Ásia com a expansão militar do Japão. Até Pearl Harbor, os EUA haviam se mantido omissos às agressões e violações da lei internacional e aos crimes de guerra já cometidos com o avançar da Wehrmacht; rumores sobre campos de concentração e o tratamento dado aos Judeus alemães já repercutiam entre a comunidade judaica nos EUA, por exemplo, desde o início da década.

Orwell, no entanto, publica suas primeiras London Letters antes mesmo da entrada definitiva dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro texto pela PR e também a primeira das London Letters, aparece no v. 8, n. 2, março de 1941 (Figura 3); a segunda London Letter aparece no v. 8, n. 4, julho de 1941, e a terceira aparece no v. 8, n. 6, de novembro de 1941. Mesmo assim, desde esses primeiros textos, a Guerra já era tema central nas cartas de Orwell para a PR.

A razão era simples: a guerra mundial começara antes para os britânicos. Em setembro de 1939, o rei George VI declara guerra contra a Alemanha nazista e, meses mais tarde, a todos os países do Eixo. Em 7 de setembro de 1940, Londres e outras cidades britânicas – como Coventry e Hull – passam a serem alvos de bombardeios massivos da Luftwaffe, que durarão até 21 de maio de 1941. E Orwell, além de testemunha ocular, já que permanecerá em Londres durante toda a guerra, foi cronista desse período, produzindo intensamente e colaborando diretamente no esforço de guerra.

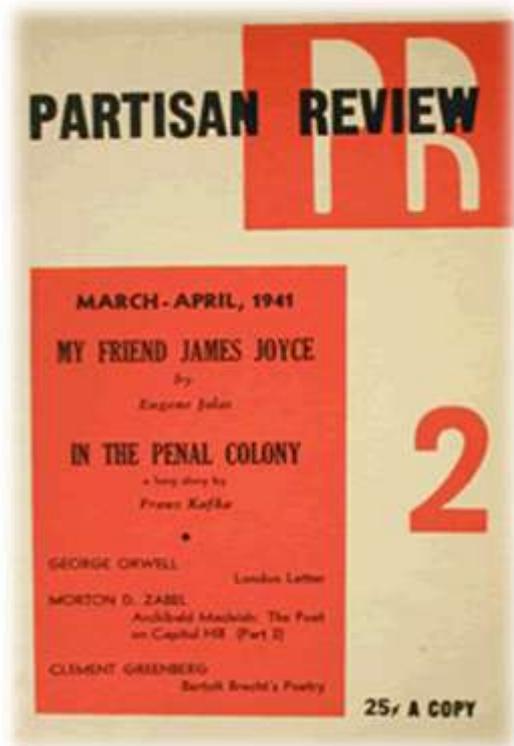


Figura 3.

Capa da edição número 2, v. 8, de março-abril de 1941 da *Partisan Review*. Nela é anunciada a coluna “London Letter”, assinada por George Orwell. O projeto gráfico da revista sofreria mais uma mudança ainda no começo da década de 1940 e adotaria o modelo como o da capa acima (a qual seguiria até o final da década de 1950). Howard Gotlib Archival Research Center – University of Boston, EUA. Disponível online: <http://hgar-srv3.bu.edu/collections/partisan-review/>

Os artigos de Orwell para a Partisan – assim como sugerido por seus editores – deveriam ter como objeto central justamente apresentar um panorama do ambiente britânico durante a Guerra ao público estadunidense, discutindo uma série de temas políticos, culturais e sociais, como o socialismo na Inglaterra, o pacifismo, o antissemitismo, a vida em meio ao racionamento, o toque de recolher, os bombardeios a

Londres, etc. Efetivamente, as contribuições de Orwell ajudam aos leitores do outro lado do Atlântico a deglutir essas questões em meio ao ambiente de guerra, quando os debates passam a serem conduzidos pelo viés moral da luta contra a barbárie fascista, a desculpa perfeita para a construção de políticas autoritárias internas, encobrindo práticas de racismo, exclusão e repressão dentro dos EUA e Reino Unido.

Tão emblemático então quanto o período em que Orwell passa a assinar as London Letters, é o período em que ele se desliga da coluna, em 1946. Esse ano é emblemático porque, na periodização sugerida por Michael Denning, ele encerra o Popular Front nos EUA, quando a *CIO* - “Committee for”, depois “Congress of”, “Industrial Organizations”, uma espécie de aglutinador dos Sindicatos de várias profissões em diferentes Estados e cidades dos EUA – lança a última grande onda de greves coletiva no país.⁴³ E esse é um marco fundamental na história da esquerda nos EUA, já que muda a partir de então a relação dos intelectuais com o movimento trabalhista local – e, com isso, com a “velha esquerda” – dando os primeiros passos (quando alguns dos intelectuais que produziram conectados ao Popular Front rompem com ele) ao que viria a se constituir na década de 1960 como a “New Left” estadunidense.⁴⁴

1946 é também o ano de publicação do *Animal Farm* nos EUA – quando Orwell é então lido dentro deste contexto de reorganização da esquerda local, entre o rompimento com os velhos ideais e a formação dos novos. Sua sátira acerca da contrarrevolução de Stálin dos ideais da Revolução Russa de 1917, rapidamente torna-se *best-seller* nos EUA, dando a Orwell reconhecimento internacional imediato. Ainda no mesmo ano de 1946, Orwell publica dois de seus mais importantes ensaios críticos: *The Prevantion of Literature* e *The Politics of English Language*. Nos dois textos, que podem ser compreendidos como um continuum reflexivo, o autor retomará os debates sobre a transformação da linguagem em campo de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, do qual já havia se ocupado em ensaios anteriores, como no texto *New Words* (1940). O alvo de análise de Orwell em todos esses textos serão algumas das ideias em voga na Inglaterra de “simplificação” da língua inglesa, através da redução do número de palavras existentes. Simultaneamente, sua crítica dava conta de um tipo de discurso político no EUA surgido nos anos da Segunda Guerra e elaborado através da propaganda de guerra, onde a conjunção dos antônimos com os sinônimos criava uma nova forma “homogênea” e, por consequência, de duplo sentido, na locução. Suas críticas quanto aos usos políticos da linguagem como forma de manipulação coletiva seriam mais tarde instrumentalizadas em sua célebre representação da “*novilíngua*” na narrativa de seu último grande romance, o *1984*, publicado em 1949, como um dos projetos totalitários de manutenção da ordem no regime distópico da “*Oceania*”.⁴⁵

⁴³ DENNING, Michael. *The Cultural Front*, *Op. cit.*, p. 25.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 26.

⁴⁵ A crítica de Orwell aos artifícios autoritários de manipulação da linguagem será um dos grandes temas de interesse por sua obra ensaística no pós-guerra. Em especial, posso citar um que (re)instrumentaliza essa crítica justamente no contexto dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial e

Em 16 de setembro de 1946, Orwell responde a solicitação de Philippe Rahv – em carta anterior, datada de 8 de setembro – em que solicitava que Orwell recomendasse um nome para substituí-lo à frente da coluna London Letter. Para a função Orwell sugere alguns nomes: Julian Symons – um velho conhecido dos estadunidenses que, como vimos, já publicava pela PR desde o final da década de 1930 – que Orwell considerava “mais pró-russos e anti-britânico” que ele, “mas que, por outro lado, mesclava uma boa percepção dos trotskistas e anarquistas”. Outro nome recomendado fora o de Humphrey Slater, que editava o jornal *Polemic* e que, “por muitos anos fora comunista e agora era violentamente anti [comunista]”. Por fim, Orwell sugere o nome de Evelyn Anderson, editora do jornal *Tribune*. Apesar de extremamente “dedicada”, Orwell arremata, “ela não escreve muito bem”. Entre as diversas possibilidades, segundo Orwell, havia vários nomes ao redor do *Tribune* e do *Observer*, a maioria deles estrangeiros, porém.⁴⁶

A escolha imediata dos editores da Partisan Review para substituir Orwell à frente das London Letters foi Arthur Koestler. Sua primeira carta aparecerá na PR v. 14, n. 2, primavera, 1947. O tema de sua primeira London Letter foi a histórica vitória do Labour Party nas eleições gerais de 1945, quando Clement Attlee derrota Winston Churchill e o Partido Conservador, ainda em meio à euforia da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, da qual Churchill sai como herói. Koestler compara o contexto britânico do imediato pós-guerra com o contexto francês, o qual estava imerso, numa situação contraditória de sanidade econômica versus insanidade moral. A França, lembra Koestler lembrando os primeiros anos logo após o fim da guerra, conseguia produzir a maior parte da comida que se consumia no país. Os canais de distribuição dessa produção, no entanto, haviam sido cortados pelos anos de guerra e permaneciam em grande parte fechados por questões morais relativas ao colaboracionismo com a ocupação nazista.

O contraponto com a situação Francesa é importante, pois é a partir dela que Koestler retomará a discussão sobre a situação britânica para seus leitores em Nova York. De volta à Ilha, Koestler passa então a desenhar uma Inglaterra destroçada pela guerra, cuja economia, curiosamente, estava em piores condições, segundo sua análise, do que na França. Não havia produtos disponíveis; nem sequer para o mercado negro. Longe dos grandes centros, a situação era ainda mais calamitosa. E para Koestler, as classes baixas britânicas, aceitava sua condição porque nunca haviam visto situação muito melhor.⁴⁷ É preciso lembrar, por exemplo, que em quase duas gerações, desde o final da Primeira Guerra Mundial, a economia britânica se encontrava destroçada pelos anos seguidos de austeridade depois de 1918, passando pela

ajuda a reforçar o nome de Orwell como ensaísta, além de sua já reconhecida fama como romancista: o clássico estudo de Herbert Marcuse, *A ideologia da sociedade industrial*, publicado pela primeira vez nos EUA, em 1963.

⁴⁶ ORWELL, George. *The Complete Works of George Orwell*. Org. Peter Davinson. London: Sacker and Warburg, v. 18, 1998.

⁴⁷ KOESTLER, A. London Letter to Partisan Review. *Partisan Review*, v. 14, n. 2, primavera, 1947, p. 139.

grande crise da década de 1920-30 para, logo em seguida, mergulhar uma vez mais na Guerra Mundial, em 1939. Ou seja, todos os homens e a mulheres com média inferior a 35 anos, em 1947 – ano em que Koestler escreve essa carta – não havia conhecido outra situação que não a da austeridade profunda nas Ilhas Britânicas. E foi nesse contexto que o primeiro governo socialista da história britânica assumiu o país em 1945, com Clement Attlee.

Talvez o ponto central de Koestler e que interessava diretamente os intelectuais do outro lado do Atlântico seria indicar que, parte do trabalho de um governo socialista, seria de propor caminho de esperança para a sociedade do pós-guerra mergulhada no caos. E isso o governo trabalhista eleito em 1945 havia deixado passar. Koestler se baseia na nacionalização da produção de carvão, em 1 de janeiro de 1947, depois de meio século de agitação socialista em torno da principal indústria local. Koestler lembra que, além do aspecto prático, sendo o carvão até então o principal combustível local e internacional, a mineração do produto era o “núcleo duro” da produção industrial britânica e o símbolo das lutas da classe-trabalhadora nas ilhas britânicas desde o século XIX. Para Koestler, aquele era o momento da virada; da transformação dos sentimentos locais, ainda solapados pela austeridade do imediato pós-guerra, um flash de esperança, com a abertura de novas oportunidades para uma gama maior da população através da nacionalização de setores-chave da economia. Na Grã-Bretanha, contudo, a ascensão de um governo socialista – também pela incapacidade dos próprios trabalhistas – não alterou significativamente a percepção dos cidadãos médios locais, mesmo que a vitória nas eleições de 1945 tivesse tido peso na vida diária das pessoas, através de mudanças significativas na produção econômica local.⁴⁸

Koestler, obviamente, entendia que as condições para a condução de um processo profundo de transformação nas relações produtivas da sociedade britânica – que levariam a, por consequência, uma significativa alteração nas relações de classe e, por fim, na estrutura econômica e social local – deveriam corresponder as particularidades locais, muito mais do que, simplesmente, copiar o modelo leninista – o que conduziria a uma catástrofe, ressalta o autor. Neste sentido, as transformações impingidas por uma política socialista levariam uma ou duas gerações para serem sentidas na estrutura social britânica, calcula Koestler. No entanto, “*labor will only remain in Power if it succeeds in capturing the people’s imagination*”.⁴⁹

O ponto central da argumentação de Koestler gira em torno da necessidade de construção de algum tipo de “cultura socialista” (a definição é minha) que, ao mesmo tempo em que mostrasse o vigor de uma sociedade em transição – acreditava ele – mostrasse as “virtudes do socialismo”. Uma cultura que superasse os entraves de uma cultura praticamente estática, baseada na tradição. E Koestler atribui essa imobilidade, digamos “cultural”, a uma “falta de imaginação “inerente às tradições culturais britânicas”. Sobre isso Koestler escreve que “[...] *lack of imagination has*

⁴⁸ KOESTLER, A. London Letter to Partisan Review, *Op. cit.*, p. 142.

⁴⁹ *Ibidem*.

always been associated in this country with straightness, honesty, and tradition; its opposites, “smartness” and “cleverness,” with dubious and mainly foreign practices.⁵⁰

Outro problema que aparece no horizonte do governo socialista britânico era sua relação com os sindicatos. Koestler argumenta que há muito os sindicatos britânicos deixaram de ser um organismo de representação da classe trabalhadora, devido a sua burocratização e sua cooptação no aparelho do Estado, tornando-se organismos gigantescos e desajeitados. E Koestler parece muito claro em sua crítica contra a burocratização dos sindicatos britânicos: “(...) *When the State becomes the begets employer and the unions part of the State bureaucracy, they cease to be an instrument of the working class and become an instrument of the coercion of the working class*”.⁵¹

A referência de Koestler é o debate proposto pelo Simpósio “The Future of Socialism” publicado pela Partisan Review – uma série de artigos assinados por autores diferentes que deveriam discutir, como o título deixa claro, o “futuro do socialismo” no contexto pós-Segunda Guerra Mundial. O primeiro artigo é então assinado por Sidney Hook, sob o título, “The Future of Socialism” e é publicado na PR v. 14, n. 1, Inverno de 1947. Seguido pelo artigo de Granville Hicks, “The Future of Socialism II: On Attitudes and Ideas” na PR v. 14, n. 2, setembro de 1947 (mesmo momento em que Koestler começa a assinar as London Letters). O terceiro artigo do Simpósio aparece na PR v. 14, n. 3, Verão de 1947, assinado por Arthur Schlesinger Jr., sob o título, “The Future of Socialism III: The Perspective Now”. O quarto artigo do Simpósio seria assinado por George Orwell, sob o título, “The Future of Socialism IV: Toward European Unity” e seria publicada na PR v. 14, n. 4, Fall 1947. Já o quinto artigo do Simpósio seria assinado por Victor Serge, sob o título “The Future of Socialism V: The Socialist Imperative”, e seria publicado na PR v. 14, n. 5, dezembro de 1947.

Na sua segunda carta, publicada na PR v. 15, n. 1, janeiro de 1948, Koestler voltará ao tema do governo socialista na Inglaterra. O caso, dessa vez, foi a proposta de abolição temporária do transporte individual (carros particulares) por conta do racionamento do petróleo, baseado na ideia de realocar os gastos públicos com a importação petrolífera para outras demandas nacionais. A discussão de Koestler nesta London Letter se refere às políticas de austeridade do pós-guerra levadas a cabo pelo governo trabalhista em meio à reconstrução da economia local. A política de austeridade que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, com a realocação de recursos financeiros do Estado em áreas fundamentais da economia, os racionamentos de energia e comida, etc.

O foco de Koestler nessa sua segunda London Letter são os dilemas de governabilidade do Labour Party em meio ao período de recessão do pós-guerra, antes do advento do Plano Marshall, assinado em julho de 1947, mas que entra em vigor em

⁵⁰ KOESTLER, A. London Letter to Partisan Review, *Op. cit.*, p. 143.

⁵¹ *Ibidem*, p. 145.

abril de 1948, que inundou a economia britânica com milhões de dólares e ajudou a reaquecer a produção industrial nacional, mas cujos efeitos só começariam a serem sentidos nos primeiros anos da década de 1950. Koestler fecha essa edição de sua *London Letter*, assumindo a importância do então governo trabalhista britânico não apenas para o país, mas para os horizontes do socialismo no continente (entendendo então a experiência britânica como um contraponto democrático à URSS sob o stalinismo).

Como já se pôde ver, as *London Letter* assinadas por Koestler seriam então cronistas da fase mais dura dos anos de austeridade do pós-guerra, iniciados simultaneamente com a vitória Aliada e a eleição do Labour Party, em 1945. E aqui há uma apreciação interessante de Koestler sobre os sentimentos do “homem comum” em relação às políticas de austeridade impostas pelo governo trabalhista nos anos do pós-Segunda Guerra Mundial.

Koestler ficou à frente das *London Letters* em apenas duas edições. Depois dele, finalmente assumiria a seção Humphrey Slater, que havia sido recomendado por Orwell para substituí-lo, já em 1946. A primeira das *London Letters* de Slater aparece por fim na PR v. 15, n. 7, julho de 1948. Em sua carta, Slater deixa de lado a profundidade de Koestler para tratar dos temas políticos em torno do clima de Londres nos anos de austeridade do Plano Marshall. Abandona ainda a minúcia descritiva de Orwell. Seu voo é panorâmico e toca pouco nos detalhes ressaltados por seus antecessores. Slater dará a notícia, porém, do novo livro de Orwell que estaria por sair em breve - fazendo referência então ao *1984*. E classifica-o como o romance mais instigante de Orwell até então. Sobre as questões políticas, Slater dará conta de um pronunciamento de Clement Attlee contra o comunismo soviético, afirmando, segundo as palavras de Slater, que os comunistas não eram socialistas de esquerda, mas reacionários extremistas e que deveriam ser tratados mais como fascistas do que dissidentes trabalhistas. Slater parece, contudo, notar (e suportar) uma “virada conservadora” dentro das políticas do Labour Party diante de uma ascensão comunista na Europa.

Conclusão

O rompimento de relações com o CPUSA simbolizou para o círculo em torno da *Partisan Review* a quebra de “relações profissionais” que permitiam, por exemplo, um acesso facilitado – principalmente aos jovens escritores – à publicação de seus trabalhos, devido às várias relações de outras revistas e editoras com o partido. Somado aos problemas logísticos do isolamento entre os círculos intelectuais de Nova York, restava aos editores da PR reconstruir a identidade da revista, e de sua posição enquanto grupo intelectual – longe da tradição judaica (base intelectual em Nova York); do nativismo intelectual e, agora, do comunismo.

Neste percurso, se deu o início da formação de um grupo de intelectuais de esquerda anti-stalinistas em torno da *Partisan Review* – composta por seus editores,

Rahv e Phillips, por Dwight Macdonald, Mary McCarthy, etc. - diante dos debates desencadeados na segunda metade de 1937, em relação às acusações sobre Trotsky e seu processo nos Julgamentos de Moscou, seu direito por asilo no México, etc. A constituição de uma dissidência intelectual no II Congresso de Escritores Americanos, organizado em Junho de 1937 (sob forte influência comunista), constituiu um marco na construção de uma oposição intelectual na esquerda dos EUA e a formação de um grupo definitivo da esquerda não-stalinista em torno da revista.

A partir de 1937, a “nova Partisan Review”, agora influenciada pelas “diferenças” entre seus editores e seus “valores cosmopolitas”, ampliou sua linha editorial. A formação de uma esquerda anti-stalinista entre 1936-7, se deu através da associação e estabelecimento de uma rede de comunicação entre vários grupos de intelectuais, como o *Menorah Group* e o *Musteites*, influenciados por trotskistas e socialistas, através, especialmente, do *American Workers Party (AWP)*⁵² e tendo a revista *Marxist/Modern Quarterly*, como sua principal expressão. O contato estabelecido pelos editores da Partisan Review na metade da década de 1930 com os intelectuais destes grupos ampliou os interesses da revista por opiniões de oposição ao comunismo, tornando-a mais receptiva por um conjunto maior de perspectivas críticas.⁵³

A transformação da Segunda Guerra Mundial em tema central da Partisan Review vai redinamizar esse conjunto de críticas ao Popular Front – a relação dos comunistas locais para o contexto internacional – tanto quanto a crítica ao fascismo. O isolamento dos EUA na guerra parecia ser a opinião dominante entre os intelectuais, já que o conflito, até os ataques japoneses a Pearl Harbor, não afetavam diretamente o país. E especialmente entre o grupo que gravitava na órbita trotskista, que defendia a não intervenção na guerra imperialista, a fim de continuar o projeto da revolução permanente. Contudo, a crítica desses homens e mulheres não podia negar a perspectiva da repressão que tomaria conta do país, criada pelo clima de guerra.

Apesar da divulgação do manifesto preparado em 1939 pela *League for Cultural Freedom and Socialism* e assinado por todo o corpo editorial da Partisan Review, chamado “*War is the Issue!*”, o ponto central dos anos que a Segunda Guerra Mundial marcou dentro da Partisan Review foi de uma falta de coesão interna entre seu círculo. O manifesto declarava, como lembra Alan Wald, que “*o dever de todos os intelectuais americanos era dar 'consciência e expressão organizada' ao sentimento anti-guerra da grande maioria do povo americano*”.⁵⁴

Mais tarde, logo após o bombardeio de Pearl Harbor e a entrada dos EUA na guerra, a PR publica o editorial intitulado “Statement by the Editors”, na PR v. 9, n. 1, janeiro-fevereiro de 1942, no qual seus editores afirmam que a revista não podia assumir ainda uma posição editorial em relação à guerra, já que a ela não cabia uma linha programática, tal qual se espera de um partido político. O mesmo editorial diz

⁵² COONEY, Terry. *The Rise of the New York intellectuals*, *Op. cit.*, p. 108.

⁵³ *Ibidem*, p. 109-110.

⁵⁴ WALD, Alan M. *The New York Intellectuals*, *Op. cit.*, p. 200.

que, a partir de então, a *Partisan Review* abriria espaço para análises radicais sobre temas sociais e sobre a guerra.

Pode-se apreender assim que, no limiar da Segunda Guerra Mundial, não havia um programa político unificado entre os intelectuais em torno da PR. E isso pode ser exemplificado no pós-1939, pelos diversos caminhos tomados por seus membros – tornando assim os debates sobre o socialismo mais fluidos, por agregar perspectivas que se contradiziam. A permanência de uma crença no marxismo mais como posição política do que método analítico ajudara a balancear o processo crescente de “liberalização” da revista ao longo da década de 1940, permitindo, por exemplo, uma crítica interna a ascensão do neoconservadorismo, por exemplo, com Daniel Bell, Lionel Abel, Lionel Trilling, etc., incorporados na segunda metade da década de 1940 e já na década de 1950 na PR.

Ainda mergulhados em meio aos debates da esquerda no começo da década de 1940, a ideia de entrada dos EUA na guerra, para esses intelectuais, não deveria representar uma defesa de sua hegemonia na economia mundial. Deveria sim, servir como base para a derrota total do fascismo ao mesmo tempo em que uma recusa de uma nova guerra imperialista.⁵⁵

No contexto das ideias, o pós-Segunda Guerra fornece um conjunto de conceitos renovados, tomados então como chaves na crítica dos Intelectuais de Nova York do stalinismo: “fascismo vermelho”, “comunazis” e, aquele que Wald considera o mais delicado, “totalitarismo”. E nesse contexto que se insere a influência dos trabalhos do pós-guerra de Arthur Koestler (com o seu *Darkness At Noon*, publicado em 1941), George Orwell (com o seu *1984*, publicado em 1949), Aldous Huxley (com o seu *Brave New World*, publicado em 1932), como divulgadores do conceito de totalitarismo, especialmente nos EUA e contribuidores diletos da *Partisan Review*. Conceito que tomaria contornos de análise científica nos EUA no começo da década de 1950, com a publicação do *Origins of Totalitarianism*, de Hannah Arendt, em 1951, outra contribuidora da PR.

Artigo recebido em 7 de julho de 2016.

Aprovado em 24 de novembro de 2016.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 193.